

MEMÓRIA E  
TESTEMUNHO  
DA “OPERAÇÃO  
CONDOR”  
NA OBRA DO  
URUGUAIO  
FERNANDO  
BUTAZZONI

[ ARTIGO ]

**Felipe Boff**

*Universidade Federal de Santa Maria*

**Reges Schwaab**

*Universidade Federal de Santa Maria*

[ RESUMO ABSTRACT RESUMEN ]

O presente trabalho articula elaborações apoiadas na problematização sobre como o jornalismo literário constrói memória a partir do testemunho. Para a leitura empreendida, faz-se trabalhar um intervalo teórico-metodológico constituído pelas noções de narrativa jornalística, de memória e de testemunho. O objeto de interesse, recorte de uma pesquisa maior, é o livro *Las Cenizas del Cóndor*, do jornalista uruguaio Fernando Butazzoni. Metodologicamente, articula entrevista em profundidade, diário de campo e registros visuais do diálogo com a obra e o autor. O percurso permite argumentar que livros de jornalistas têm sido fundamentais na elucidação dos meandros da Operação Condor, sublinhando o jornalismo literário em seus gestos de aprofundamento, de sondagem subjetiva, de empatia e de responsabilidade histórica, uma vez que o papel de construir memória é devotado a um comprometimento de corpo e de alma do jornalista diante do testemunho.

**Palavras-chave:** Jornalismo literário. Memória. Testemunho.

This work articulates theoretical elaborations based on the problematization of how literary journalism constructs memory based on testimony. It involves working on a theoretical-methodological interval constituted by the notions of journalistic narrative, memory and testimony. The object of interest, part of a larger research, is the book *Las Cenizas del Cóndor*, by Uruguayan journalist Fernando Butazzoni. Methodologically, it articulates in-depth interviews, field diaries and visual records of the dialogue with the work and the author. The path allows us to argue that books by journalists have been fundamental in elucidating the intricacies of Operation Condor, highlighting literary journalism in its gestures of in-depth investigation, subjective probing, empathy and historical responsibility, since the role of constructing memory is devoted to a commitment of heart and soul by the journalist in the face of testimony.

**Keywords:** Literary journalism. Memory. Testimony.

Este trabajo articula elaboraciones basadas en la problematización de cómo el periodismo literario construye memoria a partir del testimonio. Para la lectura emprendida, hemos trabajado en un intervalo teórico-metodológico constituido por las nociones de narrativa periodística, memoria y testimonio. El objeto de interés, una sección de una investigación más amplia, es el libro *Las Cenizas del Cóndor*, del periodista uruguayo Fernando Butazzoni. Metodológicamente, articula entrevistas en profundidad, diarios de campo y registros visuales del diálogo con la obra y el autor. El recorrido

nos permite argumentar que los libros de periodistas han sido fundamentales para dilucidar las complejidades de la Operación Cóndor, destacando el periodismo literario en sus gestos de investigación en profundidad, indagación subjetiva, empatía y responsabilidad histórica, ya que el rol de construir memoria es resultado de un compromiso de cuerpo y de alma del periodista frente al testimonio.

**Palabras clave:** Periodismo literário. Memoria. Testimonio.

## INTRODUÇÃO

É reconhecidamente relevante o papel exercido pelo jornalismo na reconstituição histórica das ditaduras do Cone Sul na segunda metade do século 20. Dadas as restrições à prática profissional durante os regimes militares, no entanto, essa contribuição veio à luz principalmente após o retorno à democracia nos países da região, em tempos e ritmos distintos, e, sobretudo, em gêneros expandidos, como a reportagem. À medida em que a censura e o terrorismo de Estado afrouxaram as garras, tornou-se evidente a necessidade de espaço, de contexto e de profundidade para relatar a barbárie desse período, recorrendo-se muitas vezes ao jornalismo literário ou narrativo para desvelar o quadro histórico e seus acontecimentos mais dramáticos.

Meio perfeitamente adequado a esse propósito, o livro parece ter-se consolidado como opção preferencial para tecer as grandes narrativas jornalísticas sobre a ditadura, que se constituíram como pilares na construção da memória — pilares hoje um tanto abalados pelo revisionismo histórico e pelo negacionismo, constatação que só atesta sua importância social. Um episódio em especial tem convocado jornalistas aos livros, exigindo-lhes grande esforço de contribuição à construção da memória: a Operação Condor, colaboração secreta das ditaduras sul-americanas em ações repressivas clandestinas além-fronteiras. Na produção exclusiva sobre essa aliança militar, destacam-se algumas obras — por precisão, abrangência e qualidade narrativa — como *Os anos do Condor*, de John Dinges (2005); *As garras do Condor*, de Nilson Mariano (2003); *Operação Condor: o sequestro dos uruguaiois: uma reportagem dos tempos da ditadura*, de

Luiz Cláudio Cunha (2009); e *Las Cenizas del Cóndor*, de Fernando Butazzoni (2017). Este último, ainda não traduzido no Brasil, mas de destacada circulação nos países de língua espanhola, é o objeto do presente artigo, recorte de uma pesquisa mais ampla.

Em *Las Cenizas del Cóndor* (Figura 1), o jornalista uruguaio Fernando Butazzoni conta histórias que se entrelaçam: a busca de um jovem de Montevideu para descobrir se era filho de prisioneiros políticos desaparecidos pela ditadura argentina; a confissão deixada por um capitão do Exército uruguaio que participou da ação nos porões da tortura; a jornada de uma militante de esquerda uruguaia em fuga das garras transnacionais da repressão; e a ação de uma espia soviética em meio à crescente tensão do continente sul-americano nos anos 1970. Com alternância de focos narrativos, a história desses personagens se revela paralelamente ao relato de sua apuração, empreendida por Butazzoni ao longo de três anos, entre 2000 e 2003. É deste ponto de vista privilegiado, de quem espia sobre o ombro do repórter, que desvendamos suas práticas jornalísticas — que envolvem delicadas relações com as fontes — e escolhas narrativas.

**Figura 1:** Capa do livro Butazzoni



Fonte: Reprodução L&PM/Planeta (2017).

Entendemos que livros como o de Butazzoni têm papel relevante na construção da memória, sobretudo pela via do testemunho, e, para investigar como essa potencialidade se concretiza em *Las Cenizas del Cóndor*, combinamos procedimentos metodológicos como a Entrevista em Profundidade (Duarte, 2011) com recursos experimentais, como o desenho e a produção de um Diário de Viagem. Assim, articulamos uma análise em diálogo com o referencial teórico dos conceitos envolvidos.

## DA ENTREVISTA AOS VESTÍGIOS, MERGULHANDO NA NARRATIVA

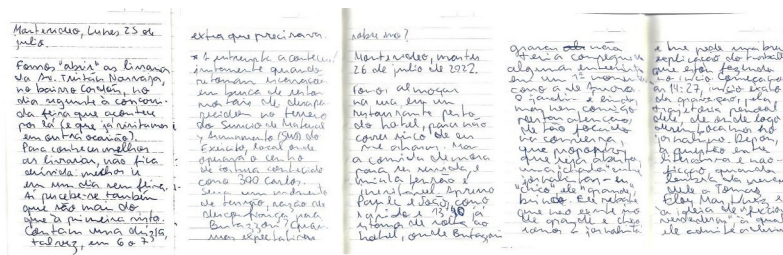
Na definição de Duarte (2011, p. 62), a Entrevista em Profundidade é uma técnica qualitativa que “explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada”. Na classificação de Duarte (2011, p. 70), Butazzoni corresponde ao “informante-chave”, diretamente envolvido com as questões centrais deste artigo. Desse modo, é possível ampliar a compreensão de seus procedimentos de apuração jornalística e composição narrativa.

Quanto à tipologia da Entrevista em Profundidade (Duarte, 2011, p. 65-68), optamos pela *entrevista aberta*, que:

Tem como ponto de partida um tema ou questão ampla e flui livremente, sendo aprofundada em determinado rumo de acordo com aspectos significativos identificados pelo entrevistador enquanto o entrevistado define a resposta segundo seus próprios termos, utilizando como referência seu conhecimento, percepção, linguagem, realidade, experiência.

A entrevista com Fernando Butazzoni foi realizada em um café em Montevidéu, capital do Uruguai, no inverno de 2022. Simultaneamente, adotamos alguns métodos complementares e experimentais, que nos remetem à cartografia, porém sem nos afiliarmos a essa base metodológica específica: desenhos, digitalização de documentos e a produção de um Diário de Viagem (Figura 2). São, antes, métodos emprestados da atividade de repórter e editor e da paixão pessoal e diletante pelo desenho como forma de expressão. Definimos esses recursos simplesmente como *vestígios*, que produzimos ou recolhemos. Vestígios na acepção primitiva, mas não menos significativa, de uma marca deixada por alguém que passou. Vestígio que “orienta a caça, a busca, a pesquisa, a investigação” (Ricoeur, 2010, p. 204).

Figura 2: Páginas do Diário de Viagem



Fonte: Reprodução Boff (2025).

Experimentamos esses recursos a partir das reflexões de Hissa (2012, p. 122-123): “o processo de pesquisa não é uma linha reta, e essa é a mesma natureza das metodologias criativas. Não há uma linha reta que une dois pontos: o problema e o resultado da pesquisa. As metodologias criativas são as que sonham, a partir dos sonhos do sujeito”. É dessa visão que brota a ideia, extraída de Gonçalo M. Tavares, de que o pesquisador não usa uma metodologia, mas é, ele mesmo, a metodologia. “A pesquisa diz a vida do sujeito. A metodologia anuncia o sujeito e a sua compreensão de mundo; a sua inserção no mundo. A obra é o sujeito” (Hissa, 2012, p. 127).

## ENTRE LIVRARIAS, UM ENCONTRO COM O AUTOR

Montevidéu, inverno de 2022. A entrevista com Fernando Butazzoni estava agendada, antes de sairmos do Brasil, para 22 de julho, uma terça-feira. Antes e depois, porém, foi acompanhada por outro procedimento, que resultou na elaboração de um Diário de Viagem: um périplo pelas livrarias montevidéuanas, a fim de conseguir mais livros dele e/ou relacionados ao tema da Operação Condor. Assim, pudemos colher impressões sobre o jornalista que vão além dos dados curriculares — ex-guerrilheiro tupamaro, depois jornalista com trajetória em jornal e rádio no Uruguai e no exterior e, por fim, premiado autor de 23 livros e roteirista de oito filmes<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Ver mais em: FERNANDO BUTAZZONI. Obra. 2025. Disponível em: <https://butazzoni.com/page/obra>.

[...] começamos pela famosa *calle* Tristán Narvaja, que parecia meio de ressaca da tradicional e movimentadíssima feira de mesmo nome que se realiza ali aos domingos. Em seis ou sete quadras da Tristán Narvaja e uma que outra rua perpendicular, há pelo menos uma dúzia de livrarias, principalmente de usados. Uma das maiores e mais bacanas chama-se Minerva, e nela colhi os primeiros frutos da pesquisa *in loco*, assim anotados no Diário de Viagem:

Na ótima Minerva, fomos recebidos com música brasileira de fundo e toda atenção de Nicolás, o dono, que já morou em Salvador (BA). [...] depois de mencionar o Butazzoni, descobri que tinham uma prateleira com meia dúzia de títulos dele — estava nas alturas, o atendente precisou de uma baita escada para buscá-los.

Detalhe: estavam na seção de “literatura universal”. Raramente as livrarias têm a seção apenas de “literatura nacional”, embora tenham uma boa produção em catálogo, com edições atualizadas. Talvez seja pelo velho complexo de país pequeno. No entanto, várias dessas livrarias que também vendem usados mantêm uma grande e vistosa seção de “Historia nacional”, e ali reúnem também muitas obras sobre a ditadura e a resistência dos tupamaros.

[...] saí com “El tigre y la nieve” (“que es testimonial”, me avisa Nicolás), “Nicaragua: noticias de la guerra” (Nicolás comenta: “parece que en la época todos fueron luchar en Nicaragua”), “La noche en que

Acesso em: 20 jun. 2025.

Gardel lloró en mi alcoba”, “Los que nunca olvidarán”, “Una historia americana” [...] e “Un lugar lejano”. Dada a curiosidade por tamanho interesse meu pelo Butazzoni, expliquei que era parte da minha pesquisa e que iria entrevistá-lo. Nicolás comentou que quando ele lançou “Las Cenizas del Cóndor” logo se disse que ia ser um livro importante, que faria muito sucesso [...] “Ayudó a contar una parte de la historia de Uruguay al resto del mundo”, agregou Nicolás (Boff, 2022).

Os comentários do livreiro Nicolás nos abriram os olhos para um aspecto: iríamos entrevistar um escritor famoso por lá, de longa e conhecida trajetória. E muito respeitado – ao menos por ele.

Avançando pela Tristán Narvaja, chegamos a outra livraria de usados (Babilônia), que estava sendo aberta naquele exato momento por um livreiro meio despen-teado, que parecia ter acordado há questão de minutos. Nem por isso ele foi menos simpático. Estava interessado em conversar – e logo descobrimos por quê:

Adiante, na Babilonia, que parece um labirinto e tem plantas subindo pelas estantes, com uma parte do piso de paralelepípedos, o livreiro sabia bastante da Condor e tinha uma prateleira só sobre ditadura e direitos humanos. [...] Ao mencionar o livro do Butazzoni, ele citou “Las Cenizas del Cóndor”, mas fazendo a ressalva de que “es una novela”, e me surpreendeu com comentários negativos: que um amigo que viveu aquela época de guerrilha dizia que o Butazzoni ficava sempre distante dos combates na Nicarágua (“caían bombas en un lado, él estaba en otro”); que Butazzoni teria

mudado de lado em termos de ideologia política, pois agora defendia os israelenses contra os palestinos, por exemplo. Seria sinal de uma mágoa de parte da esquerda com ele? Não sei, mas já havia detectado algo nesse sentido, ao encontrar pouca repercussão de seus livros no “Brecha”, semanário de esquerda que substituiu o “Marcha” e que ele ajudou a fundar, e ao saber de suas críticas ao Frente Amplio – algo nesse sentido também aparece no seu verbete na Wikipédia<sup>2</sup> (Boff, 2022).

Sim, Butazzoni era bastante conhecido, sobretudo entre os livreiros, mas não era uma unanimidade. Reputação mais típica de jornalista do que de escritor. Bem ou mal, *Las Cenizas del Cóndor*, apesar de ter uma edição recente na rua, estava esgotado em boa parte das livrarias pelas quais passei. De fato, só conseguimos achá-lo por acaso, quando almoçamos em um descolado centro gastronômico chamado Mercado Ferrando, onde há uma pequena livraria com porte e pinta de banca de revistas.

No dia seguinte, encontramos Butazzoni e vamos até o café do Museo de Artes Visuales para a entrevista (Boff, 2025), durante a qual ele fumaria pelo menos meia dúzia de cigarros Marlboro. Começamos perguntando sobre um de seus primeiros livros, *Nicaragua: noticias de la guerra*, de 1986, com reportagens que escreveu sobre a revolução sandinista, da qual tomou parte como guerrilheiro – ou “combatente”, como ele prefere. Tratamos brevemente de seu passado de tupamaro

---

<sup>2</sup> Ver mais: WIKIPEDIA. Fernando Butazzoni. 2025. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Fernando\\_Butazzoni](https://en.wikipedia.org/wiki/Fernando_Butazzoni). Acesso em: 20 jun. 2025.

(grupo de resistência à ditadura no Uruguai), refugiado no Chile, depois em Cuba e, finalmente, na Nicarágua, de onde voltaria para Cuba e estrearia nas letras com um livro de contos de ficção.

Ficamos surpresos ao descobrir que Butazzoni não só não conhecia o livro-reportagem do jornalista brasileiro Caco Barcellos, *Nicarágua: a revolução das crianças*, de 1982, como também não sabia quem era Caco Barcellos — mais um sinal de uma constatação que compartilho com ele: Brasil e Uruguai deveriam se conhecer melhor.

Também de 1986 é *El Tigre y La Nieve*, livro de Butazzoni classificado como “literatura testemunhal”, sobre a história de amor entre uma prisioneira e seu carcereiro durante a ditadura argentina, que ele apura em seu exílio na Suécia a partir do companheiro dela (a mulher já havia morrido) e de documentos. Quando tratamos dessa obra, abriram-se as portas para discutir o entrecruzamento das narrativas ficcionais e não ficcionais. Recorda Butazzoni (2022, tradução nossa):

Quando eu conheço ele [o carcereiro], ela já havia morrido, na Suécia, e ele me conta a história. E tinha cartas dela, tinha coisas que ela havia escrito, e a partir daí começo uma pesquisa, e começo a descobrir muitos documentos [...] impressos a mimeógrafo [...] circulavam minimamente, com histórias, dados, com nomes. E aí comecei a construir este livro, que é um romance<sup>3</sup>, mas que já tem mui-

tos elementos do que depois seria esse híbrido entre romance e reportagem, ou *crónica*<sup>4</sup>, que em realidade é o que servir, o que for útil.

Butazzoni (2022) diz que “depois seria esse híbrido entre romance e reportagem”, dando a entender que a partir dali começaria a intensificar e consolidar essa mistura de ficção e não ficção em sua produção. Entretanto, quando acrescenta que é “o que servir, o que for útil”, não a restringe a uma definição de gênero, mas sim procura manter as fronteiras abertas.

Adiante, Butazzoni (2022) explica que foi *Las Cenizas del Cóndor* que “mudou definitivamente o conceito” para ele: “a partir deste livro, em todos os meus livros, eu tomei a decisão de que os personagens que estão no livro tenham os nomes reais das pessoas que me deram a informação ou que passaram essa peripécia”. Em *Las Cenizas del Cóndor*, diz que quatro personagens tiveram o nome trocado apenas por segurança e/ou privacidade: o rapaz que o procura com a denúncia (“Juan Carlos Docampo Sánchez”); a mãe dele (“Aurora Sánchez”), ex-prisioneira política; o militar que o assume como filho (“Manuel Docampo”); e um general soviético (“Nikolai Shebarnov”)

---

um gênero literário mais curto, com menos personagens e tempo narrativo mais exíguo.

4 Sobre o gênero da *crónica*, muito difundido nos países de língua hispânica, a jornalista (cronista) argentina Leila Guerriero diz: “Una crónica es la noticia de un momento narrativo. El periodismo narrativo es una mirada en profundidad. Es lo contrario a la noticia, pero no es mejor. Hay un talento para la noticia, que requiere una mirada rápida y más reduccionista. El cronista, en cambio, trabaja más en profundidad, trata de entender y de decodificar una realidad compleja para contársela a un lector” (Villanueva, 2013, p. 228).

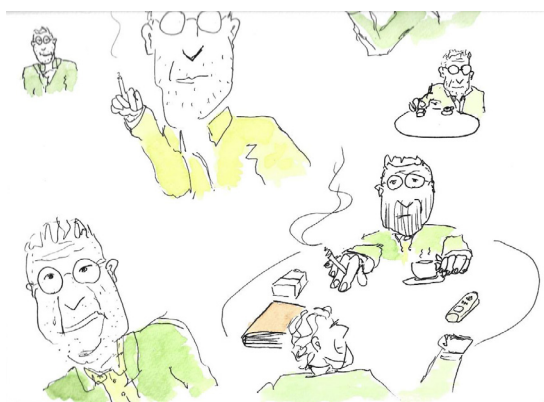
---

3 Usaremos sempre “romance” para traduzir “novela”, termo com que os hispânicos se referem ao romance, para que não haja confusão com “novela”, tal como usado na língua portuguesa, que se refere a

que comandava a ação de uma espia em Buenos Aires. Os três primeiros foram uma condição acertada por Butazzoni com a mãe, para que lhe revelasse toda a história, conforme explica ao longo da narrativa; o quarto foi um pedido de última hora, pouco antes da publicação<sup>5</sup>.

Essas trocas estão explicadas também no posfácio do livro, intitulado *Después de las cenizas*, que, no entanto, começa com uma frase provocadora: “este livro, ainda que se apegue aos fatos, é um romance e como tal deveria ser lido” (Butazzoni, 2017, p. 751, tradução nossa). Parece-nos uma contradição, e julgamos que este é um bom momento para lançá-la a Butazzoni (Figura 3), que nos contesta: “é um romance com personagens reais e com episódios que ocorreram realmente, mas as palavras escolhi eu, o tempo de duração, o tempo narrativo escolhi eu” (Entrevista com Butazzoni, 2022, tradução nossa).

**Figura 3: Momentos da entrevista com Butazzoni**



Fonte: Boff (2022).

<sup>5</sup> Embora no posfácio Butazzoni despiste, indicando que se trata de um personagem amalgamado a partir de dois hierarcas da inteligência soviética, na entrevista admite que se tratava de apenas uma pessoa (não sabemos se algum desses hierarcas), com quem teve repetidos contatos e lhe passou muitas informações.

Butazzoni (2022), ao mesmo tempo em que reconhece como ficcional o modo de narrar — e o próprio ato de narrar —, defende que sua obra é o mais fiel possível aos métodos jornalísticos. À parte as exceções mencionadas no posfácio, diz: “sempre trato que os nomes, por exemplo, e as circunstâncias sejam as reais. [...] é quase como um princípio ético, o qual me tem levado a muitos becos sem saída”. Isso começa a ficar mais evidente à medida em que vamos discutindo aspectos pontuais de *Las Cenizas del Cóndor*, como apurou tal informação, como escreveu tal parte ... Basicamente, o processo compreende pesquisa, entrevista e checagem.

[...] meu sonho, entre aspas, jornalístico, era descobrir um filho de desaparecido, dizer “Veja, isto eu que descobri, aqui está, é mérito meu: é Fulanito”. E na realidade me dei conta que a história não era essa, que era outra muito mais complicada. Então, jamais pensei que o livro ia ser este livro. Pensei uma coisa mais breve [...] Mas depois foi se ramificando, se abrindo [...] E depois descobri uma coisa que também me resultou muito importante para que isso fosse um livro, que é quando, produto da história, me ponho a estudar o Plano Condor (Entrevista com Butazzoni, 2022, tradução nossa).

Na pesquisa, Butazzoni (2022) (Figura 4) percebeu que a maioria dos livros se restringia aos efeitos da Condor dentro de um país ou outro: “os pesquisadores respeitavam as fronteiras nacionais que os militares não haviam respeitado” (Butazzoni, 2022). Em relação à sua obra, diz que foi recebida com algumas críticas por outro motivo, que o surpreendeu: “me criticaram que ‘isto não é literatura, isto é jornalismo’. E jornalismo

escrito não é literatura?” (Entrevista com Butazonni, 2022). Ele mesmo responde, e cita como exemplo Rodolfo Walsh, jornalista e escritor argentino, precursor não suficientemente reconhecido do jornalismo literário e do que Truman Capote chamaria depois, reivindicando para si o pioneirismo, de romance de não ficção: “Walsh era um jornalista, grande jornalista, e escreveu um livro [“Operação Massacre”] que é um manual de como escrever uma boa história, que é um romance também e é um livro-reportagem” (Entrevista com Butazonni, 2022). Quanto a si mesmo, define-se: “Sou um jornalista que escreve romances” (Entrevista com Butazonni, 2022).

**Figura 4: Butazzoni ao final da entrevista, no jardim do Museo**



Fonte: Boff (2022).

## MEMÓRIA E TESTEMUNHO

Ao apontar o “potencial de empregos múltiplos” do testemunho, Ricoeur (2007, p. 170) destaca três modalidades: a prática cotidiana, o uso jurídico e o uso historiográfico.

Todas podem ser articuladas de uma forma ou outra a partir do jornalismo, em minha compreensão. O testemunho, no sentido cotidiano, diz respeito a narrar o que se presenciou, ato que implica a autodesignação da testemunha e se desdobra em duas vertentes: “a asserção da realidade factual do acontecimento relatado” e “a certificação ou a autenticação da declaração pela experiência de seu autor” (Ricoeur, 2007, p. 172). Sem a narração da cena vivida e a voz do narrador, diz Ricoeur, não há testemunho. “A factualidade atestada supostamente traça uma fronteira nítida entre realidade e ficção” (Ricoeur, 2007, p. 172), o que não resolve, por si só, o problema da confiabilidade do testemunho, mas nos remete ao jornalismo literário, que opera justamente nessa fronteira.

Na intersecção da literatura com o jornalismo, o testemunho se destaca como narrativa de não ficção, a ponto de merecer uma classificação literária própria. Conforme Maria Jandyra Cunha (2010, p. 12), a literatura de testemunho se distingue por dez características:

- (1) escrito dotado de um caráter documental e informativo;
- (2) enunciação, muitas vezes feita a partir de um locus eminentemente político;
- (3) narrativa contada em primeira pessoa;
- (4) narrador e protagonista incidem sobre a mesma figura;
- (5) narração autodiegética, com o tempo e espaço que decorrem dentro da trama, com suas particularidades, limites e coerências determinadas pelo autor;
- (6) ocupa-se de questões e/ou subjetividades que não gozam do mesmo prestígio daquelas representadas nos gêneros canônicos;
- (7) legitimização de vozes outras que não as hegemônicas;

(8) utilização de material secundário autêntico (entre outros, prefácios, fotos e documentos); (9) recursos linguísticos e estilísticos trazidos da narrativa literária; (10) traços fortes de oralidade na narrativa-testemunho (Cunha, 2010, p. 12).

Valeria De Marco (2004, p. 45) explica que a literatura de testemunho, na teoria que alimenta a crítica literária, advém de duas concepções. A primeira se refere aos escritos que relatam a Shoah, o extermínio dos judeus na Segunda Guerra Mundial, configurando-se em um conjunto literário específico. A segunda, à qual se filia a obra de Butazzoni, corresponde a “textos que, construídos a partir de múltiplas combinações de discursos literários, documentais ou jornalísticos, registram e interpretam a violência das ditaduras da América Latina durante o século XX” (De Marco, 2004, p. 46). Esta corrente ganhou impulso em 1970 com a criação, pelo júri do prêmio literário Casa das Américas, da categoria de Literatura de Testemunho, cujos requisitos fundamentais para inscrição eram “fontes de informação ou documentação fidedignas e qualidade literária” (De Marco, 2004, p. 46).

De Marco (2004) entende que essas duas concepções não dialogam entre si. Entretanto, Nora Strejilevich (2006) promove uma aproximação entre as literaturas de testemunho da Shoah e das ditaduras latino-americanas ao abordar, sobre as mesmas bases teóricas, o trabalho da memória em situações de violência extrema e desumanização. E Márcio Seligmann-Silva (2005, p. 86) explica que as diferentes concepções de testemunho estão relacionadas às histórias regionais, destacando que a concepção latino-americana introduz novos

objetos nos estudos de testemunho. Para ele, a literatura de testemunho não é um gênero, mas apenas uma “face da literatura” em que o testemunho “põe em questão as fronteiras entre o literário, o fictício e o descritivo” (Seligmann-Silva, 2005, p. 85).

No jornalismo, o testemunho é tratado essencialmente como asserção da realidade certificada pela experiência do autor, na expressão de Ricoeur (embora o filósofo não faça essa referência ao jornalismo). Isso porque, como aponta Bruno Souza Leal:

[...] o jornalismo se baseia num pacto de credibilidade com seu leitor, a ser posto em xeque e reafirmado na elaboração e na recepção de cada uma de suas histórias. Muito dessa credibilidade vem exatamente da apresentação do repórter como testemunha dos fatos. Sua presença no local dos acontecimentos é um dos elementos-chave para a autenticidade e, conseqüentemente, credibilidade, do relato que produz (Leal, 2003, p. 1-2).

Nesse sentido, Eliza Casadei (2012, p. 541) assinala que, para o jornalismo, o testemunho configura-se em “uma de suas matrizes de verdade presumida”. “Em todas as reportagens existe sempre uma promessa imaginária de verdade, que é garantida pelo estatuto social do testemunho – estatuto este que o jornalismo se apropria em suas construções de sentido” (Casadei, 2012, p. 541).

Referindo-se ao uso historiográfico do testemunho, Ricoeur assinala que ele passa por um processo de arquivamento – para o qual, acrescento, o jornalismo inegavelmente contribui – por meio da escrita, o que permitirá que se torne fonte de consulta e estudo. É assim que me acerco ao conceito

de memória, uma vez que o testemunho “proporciona uma sequência narrativa à memória declarada” (Ricoeur, 2007, p. 176).

Como observa Patricia Nieto (2013, p. 90), a partir do livro *Guerras, memoria y historia*, de Gonzalo Sánchez, a memória se articula a partir de uma dimensão primeira – individual, particular e exclusiva – e se constrói na “pluralidade dos relatos”. Sánchez (2006 *apud* Nieto, 2013, p. 90, tradução do autor) diz que a história, em sua “pretensão objetivadora e distante frente ao passado”, atenua as “memórias particulares”, diluindo-as em um “relato comum”. “A memória, ao contrário, tem um viés militante, ressalta a pluralidade dos relatos. Inscreve, armazena ou omite, e, diferentemente da história, é a força, a presença viva do passado no presente”<sup>6</sup> (Sánchez, 2006 *apud* Nieto, 2013, p. 90).

No jornalismo narrativo, Juan José Hoyos (2003, p. 108-109, tradução nossa) sinaliza que o trabalho com a memória apresenta ao jornalista um “problema de tempo”: as lembranças não brotam de modo linear, mas antes como um zigue-zague “por estradas cruzadas e transversais”, que corresponde ao desenho de uma história de vida, a história de quem oferece seu testemunho. Isso gera uma questão que se desdobra em três ordens “não necessariamente coincidentes”: a ordem da memória, a ordem cronológica e a ordem expositiva (Hoyos, 2003, p. 108-109).

---

<sup>6</sup> **No original:** *La memoria, por el contrario, tiene un sesgo militante, resalta la pluralidad de los relatos. Inscribe, almacena u omite, y a diferencia de la historia es la fuerza, la presencia viva del pasado en el presente.*

A primeira, da memória, inicialmente parece se apresentar como desordem, pois “a memória é um labirinto. Uma ordem sem tempo, uma ordem mítica, épica, que às vezes outorga a certos fatos do passado uma cor, uma luz que não tiveram em seu momento, mas que agora têm, pois adquiriram outro sentido e outras dimensões”<sup>7</sup> (Hoyos, 2003, p. 108-109). A segunda, cronológica, é a que permite ao repórter estabelecer a sequência dos fatos e identificar relações causais. A terceira, expositiva, finalmente é a forma com que ele organiza a narrativa, “a ordem do relato, do discurso” (Hoyos, 2003, p. 109).

Hoyos indica ser fundamental para o jornalista compreender que a construção da memória pela narrativa exige o manejo adequado do “problema de tempo” entre a apuração e a escrita, para que não se prejudique nem uma, nem outra. Strejilevich (2006) faz alerta semelhante, válido sobretudo para o momento em que o jornalista coleta testemunhos de violência:

Para que um relato desse tipo possa manifestar sua verdade é preciso dar lugar a memórias que irrompem em desordem, com descontinuidades, brancos e silêncios. As imagens podem ser de cheiros e sons, as cenas podem aparecer e desaparecer como em um sonho, as conexões com a vida cotidiana podem faltar<sup>8</sup> (Strejilevich, 2006, p. 12, tradução nossa).

---

<sup>7</sup> **No original:** *[...] la memoria es un laberinto. Un orden sin tiempo, un orden mítico, épico, que a veces otorga a ciertos hechos del pasado un color, una luz que no tuvieron en su momento, pero ahora tienen, pues han cobrado otro sentido y otras dimensiones.*

<sup>8</sup> **No original:** *Para que un recuento de ese tipo pueda manifestar su verdad tiene que darle su lugar a memorias*

Nieto (2013) salienta que a reconstrução da memória dos grupos derrotados e silenciados em épocas de conflito se dá em tempos de paz, ou com o fim da repressão. Foi assim com o resgate do período entre os anos 1930 e 1980 pela literatura espanhola, compreendendo todo o pós-Guerra Civil e a ditadura de Franco, quando esta termina (Nieto, 2013, p. 97). Foi assim na Colômbia, já nos anos 2000, quando o Grupo de Memoria Histórica de la Comisión Nacional de Reparación y Reconciliación ocupou-se de investigar e sistematizar casos emblemáticos relacionados à criação de grupos armados ilegais no país para “mostrar que é possível vincular a construção de memórias à construção democrática” (Nieto, 2013, p. 88).

Nieto e Hernández (2020, p. 143) entendem que o jornalismo é ideal para construir relatos que tenham como chave a memória, pois “esta se refere ao drama, e o drama é o coração da poética”.

[...] o jornalismo que trabalha pela memória assume a responsabilidade de conhecer a fundo os fatos do passado violento, dar-lhes sentido, uma que vez que tenha compreendido todas as dimensões de sua complexidade, e comunicá-los com a intenção de contribuir com a verdade, a justiça e para garantir a não repetição das atrocidades (Nieto; Hernández, 2020, p. 124, tradução nossa).

Nesse sentido, Oliveira e Caimi (2020, p. 160) lembram da noção moral de “dever de

---

*que irrumpen en desorden con discontinuidades, blancos y silencios. Las imágenes pueden ser de olores y de sonidos, las escenas pueden aparecer y desaparecer como en un sueño, las conexiones con la vida cotidiana pueden faltar.*

memória” proposta por Ricoeur: “é a noção de justiça devida às vítimas”. Bruck e Vargas (2020, p. 295) agregam que, para Ricoeur, no contexto de pessoas vitimadas por uma história criminosa, esse “dever de lembrar” constitui-se em “luta da afirmação de uma verdade” e é uma “missão ética” dos jornalistas.

Mozahir Bruck (2019, p. 5) lembra, a propósito, que “é visceral a relação entre memória e testemunho. Mais ainda, todo testemunho é memória”. E, citando a “filosofia do testemunho” de Jean Philippe Pierron, acrescenta que o testemunho “não é somente uma informação, é um colocar em presença, uma presença no presente” (Pierron, 2010 *apud* Bruck; Vargas, 2020, p. 291). Isso diz respeito, também, à questão do trauma, à forma como o testemunho o elabora enquanto memória. Como assinala Seligmann-Silva (2008, p. 69), “na situação testemunhal o tempo passado é tempo presente [...] Mais especificamente, o trauma é caracterizado por ser uma memória de um passado que não passa”.

Strejilevich (2006, p. 4) salienta que “a memória do terror é uma exigência permanente entre nós, um exercício inevitável”. Um exercício, portanto, que é dever e que se cumpre pelo jornalismo, no caso de *Las Cenizas del Cóndor*, materializado em livro, como observaremos mais detalhadamente a seguir.

---

## TESTEMUNHO E MEMÓRIA EM LAS CENIZAS DEL CÓNDOR

---

O livro de Butazzoni está apoiado sobre quatro testemunhos principais: do

ex-capitão do Exército uruguaio Manuel Docampo; da ex-tupamara e professora Aurora Sánchez; da ex-agente soviética Katia Liejman; e do próprio jornalista. Butazzoni converte-se no narrador auto-diegético, que narra seu próprio testemunho. Aurora e Katia testemunham, na maior parte do livro, por meio do narrador, assim como Docampo. Este último, porém, é obtido de forma bastante peculiar.

O testemunho do ex-capitão Manuel Docampo, apesar de ser o único que não pôde ser colhido ou verificado pessoalmente por Butazzoni, é o que dispara a história de *Las Cenizas del Cóndor*. Chega ao jornalista através de Juan Carlos Docampo, filho adotivo, que lhe traz a fita cassete gravada pelo pai antes de se suicidar com um tiro, dez anos antes, em outubro de 1990: “um testemunho sobre os enterros de que falei”<sup>9</sup> (Butazzoni, 2017, p. 20), é como se refere Juan Carlos à gravação ao entregá-la para o jornalista.

Na primeira audição que Butazzoni faz, fica claro, como as circunstâncias já indicavam, que se trata de algo muito mais importante do que um mero registro:

E guardo em minha memória a profunda impressão que me causou ouvir o testemunho do militar, essa voz que chegava “do outro lado”. Foi uma experiência estranha.

A voz, com uma qualidade de som que não era a melhor, relatava em pouco mais de quatro minutos o que havia atormentado

sua vida durante mais de quinze anos. Cinco mil dias condensados em quatro minutos. Me dava vertigem. Enquanto ouvia a confissão, não podia deixar de pensar na circunstância: pouco depois, uns minutos ou uns segundos depois de ter desligado o gravador, o homem que ali falava havia se dado um tiro. Talvez o mesmo dedo que utilizou para pressionar as teclas do gravador foi o que usou em seguida para puxar o gatilho (Butazzoni, 2017, p. 58, tradução nossa).

De largada, o jornalista não tem dúvida sobre o valor testemunhal desse depoimento. É uma confissão, uma denúncia, um desabafo, um pedido de perdão:

Eu quero confessar. [...] Em várias ocasiões pensei em contar toda a verdade, mas me ameaçaram, inclusive depois de haver pedido a baixa. Ameaçaram matar a minha família... Me disseram que todos tínhamos segredos [...] eu sempre soube que ali havia gente enterrada e soube onde estavam [...] todos sabem [...] eu nunca matei ninguém, mas dá no mesmo, é como se tivesse feito. Conheço-os todos. Ninguém está limpo aqui [...] ninguém está limpo (Butazzoni, 2017, p. 59-60, tradução nossa).

Contudo, o depoimento em primeira pessoa deixado por Docampo é apenas a menor parte de seu testemunho, tal como o livro o apresenta. Para construí-lo narrativamente, Butazzoni recorre principalmente a fontes indiretas — as entrevistas com Aurora e Katia —, mas conta ainda com mais uma fonte direta: os cadernos de Docampo, espécie de diários, sem ordem cronológica, aos quais Butazzoni tem acesso. São dezenas de volumes, mas precisam ser

<sup>9</sup> No original: *Un testimonio sobre los enterramientos de los que hablé.*

decifrados – foram escritos para si mesmo, com expressões e abreviações que, inicialmente, somente Docampo compreendia.

Aqui entra a chave para a construção de um testemunho a partir de fontes diversas: a pesquisa aprofundada, a apuração cruzada, a checagem de dados e, inevitavelmente, uma habilidade narrativa para interpretar e dar coerência a essa gama fantástica de informações. Ao mergulhar nos cadernos, que decide copiar à mão um por um ao longo de uma semana, Butazzoni (2017, p. 560-561) alcança o que define como um “processo de contágio” ou uma “espécie de simbiose” com Docampo, o que lhe permite dar voz ao personagem: “contra minha própria crença prévia, terminei por constatar que Manuel Docampo havia deixado um notável testemunho de sua vida, incluída sua passagem pelo Exército e, em especial, pelos serviços de inteligência e pelo OCOA” (Butazzoni, 2017, p. 660-561, tradução nossa).

O testemunho de Docampo, que confessa ter participado de interrogatórios com a prática de torturas, destaca-se por ser este: o testemunho de um torturador – algo raro, assinala Butazzoni –, acompanhado de um profundo exame de consciência – algo ainda mais raro, podemos acrescentar.

O testemunho central do livro, no entanto, é o da ex-militante tupamara e professora Aurora Sánchez. Não apenas porque sua história é a espinha dorsal da narrativa – a presa política que escapou da ditadura, resgatou o filho roubado e se casou com o militar que deveria executá-la –, mas também pelo que aporta em relação aos demais testemunhos. O de Docampo, como vimos, apesar da fita cassete e dos

diários, só pôde ser desvendado e construído com a ajuda dela. O de Katia Liejman só é acessado com o aval dela, a partir da carta de apresentação concedida a Butazzoni. E as lacunas das histórias privadas – sentimentos, reações, lembranças desses outros personagens principais – só puderam ser preenchidas por ela. Sem o testemunho dela, aliás, Butazzoni afirma, diversas vezes, que não teria como seguir adiante no intento de escrever seu “romance”.

Nas tratativas para convencer Aurora a dar entrevista, o jornalista evoca argumentos que dizem respeito à importância do testemunho para a construção da memória, sobretudo no que se refere à superação do trauma. Mas, nesse aspecto, há inicialmente uma resistência dela em relação àqueles que não viveram os traumas da história pretendendo construir sua narrativa, sugerindo ainda que não seriam capazes de compreendê-la:

– Vocês acham que têm todos os direitos – disse –, como se nós não existíssemos.

[...]

– Quem são vocês? – perguntei, em um afã quase desesperado por manter a conversa focada nesse assunto. A viúva tomou seu tempo para responder. Parecia que estava calibrando as palavras, que buscava uma forma de dizer que fosse mais apropriada. Quase pude perceber o esforço de Aurora para evitar em seu dizer qualquer mostra de irritação ou amargura, como se o cuidado com que ela tocasse no assunto pudesse servir para nos salvar de algo. Por fim, estirou os braços e entrelaçou as mãos.

– Vocês os que não sofreram – disse –. Os que não conheceram o terror que está escondido dentro do terror, os que não tiveram que mentir e se humilhar e falar e cantar e dançar para se salvar. Vocês são os que se acham donos da verdade, os que condenam sem mover um fio de cabelo. São os que dormem tranquilos porque se convenceram de que têm a consciência limpa (Butazzoni, 2017, p. 275, tradução nossa, grifo nosso).

Então Butazzoni argumenta que a narrativa do terror – pelo testemunho, podemos agregar –, “contar a verdade”, é uma maneira de superá-lo, de se afastar dele. E pontua que isso serve não somente às vítimas diretas, mas a todos que ainda sofrem de alguma forma esse terror – por exemplo, o medo de investigar o passado, de falar abertamente sobre tortura e terrorismo de Estado, de construir memória.

– O terror nos escraviza – disse.

Aurora me olhou, como se minha frase lhe houvesse despertado um súbito interesse.

– Contar a verdade – continuei – é a única maneira que temos para afastar o terror de nossas vidas.

– O terror...

– O terror – a interrompi, e fiz com uma ênfase medida ou, melhor dito, calculada – e o terror que está escondido dentro do terror, como você diz. E toda a sujeira e a culpa... Tudo isso há que tirar para fora, há que mostrar. Eu trato de fazê-lo da maneira que posso. Você deveria tentar.

– Para quê?

– Para ajudar-se, Aurora. E também para ajudar-nos a todos, a esse “vocês” que tanto parece desprezar.

[...]

– Eu também necessito falar do terror – arrisquei –. Do seu e do meu (Butazzoni, 2017, p. 276-277, tradução nossa).

Há dois trechos do livro em que o testemunho de Aurora se destaca. O primeiro é o relato, pelo narrador, de sua situação após as sessões de tortura sofridas nos calabouços da Coordenação da Polícia Federal, em Buenos Aires. É inverno, e Aurora, grávida, está isolada há dias em uma cela fria e úmida, apenas com uma coberta suja. Recebe comida racionada, ouve os gritos dos demais presos sendo torturados, sente os odores do ambiente e do próprio corpo.

O segundo trecho é o que podemos chamar de “testemunho-desabafo”, o momento em que ela cede e resolve contar sua história a Butazzoni, em uma narrativa única, reproduzida como fala em primeira pessoa, ao longo de cinco páginas. Chama a atenção que, logo de cara, Aurora também faça uma referência à Shoah:

– Meu filho nasceu em uma clínica clandestina de Quilmes, em Buenos Aires. Nasceu vivo por milagre, porque eu estava muito desnutrida, torturada e com várias infecções. María Eugenia depois me disse que dava a impressão de ser **uma recém-saída de Auschwitz**. Mas aos da Polícia Federal isso pouco importava: roubaram meu bebê no momento

do parto [...] (Butazzoni, 2017, p. 433, tradução nossa, grifo nosso).

Atribuída a uma fala de María Eugenia, a referência foi lembrada por Aurora em seu testemunho, talvez para comunicar, com uma imagem amplamente conhecida, o estado em que se encontrava. Mas nos permite evocar outros significados que reforçam essa relação entre duas tragédias históricas. Um deles é o assombro com a desumanidade de seus perpetradores:

[...] soube que quando me tiraram do calabouço para me executar me pesaram. **Se dá conta da maldade de isso implica?** Para que me pesaram? Trinta e quatro quilos, isso eu pesava. E parece que graças a ser tão leve foi que ele pôde me trasladar metida em uma mala. Estava drogada com pentotal, quase morta... Quando recuperei a consciência, a primeira coisa que fiz foi perguntar por Juan Carlos. **Eu sabia que meu filho não podia ser criado por essa gente**, assim que tinha que encontrá-lo e resgatá-lo e, para fazer isso, primeiro tinha que me salvar (Butazzoni, 2017, p. 435, tradução nossa, grifo nosso).

As palavras de Aurora parecem confirmar o que Butazzoni lhe dissera: o terror continuava lá — o terror de falar, de lembrar, de contar a verdade —, e o testemunho ajudaria a purgá-lo.

O testemunho da ex-espia soviética Katia Liejman, a agente Luna, que em Buenos Aires usa a identidade falsa María Eugenia Romero, é distribuído ao longo do livro através do narrador, o que inclui a reprodução de diálogos e frases escritas em informes (recuperadas de documentos

desclassificados ou recontadas pela memória de Katia), e ganha importância nas páginas finais, quando Butazzoni narra sua jornada para obtê-lo.

Ao longo da narrativa, destaca-se em dois momentos: quando a agente testemunha uma execução da Triple A na calçada de uma avenida movimentada de Buenos Aires e quando ela conhece e acolhe Aurora. O ataque brutal a um jovem supostamente militante de esquerda a coloca em contato direto com a violência extrema da Argentina naquele período, ainda pré-ditadura de Videla:

O perseguidor aponta ao homem jovem com uma escopeta de caça, de cano duplo. Ao seu lado há outro homem, que empunha uma submetralhadora. María Eugenia se horroriza e Katia Liejman grava a cena para sempre em sua memória: o cara da escopeta se detém frente ao homem encurralado, aponta para ele e dispara de uma só vez com os dois canos. O estampido se assemelha ao de uma bomba. A vítima é atingida em cheio pelo chumbo, à altura do ventre, e seu corpo é seccionado em duas partes. O tronco e a cabeça batem contra a parede, enquanto as pernas caem para um lado. Há um jorro de sangue e, logo, o silêncio (Butazzoni, 2017, p. 326, tradução nossa).

Mais forte do que esse acontecimento, porém, é o momento em que recebe a prisioneira libertada clandestinamente, Aurora, trazida em circunstâncias chocantes: dentro de uma mala, desacordada, pelo capitão Docampo. Nesse caso, o testemunho de Katia também é uma confirmação presencial do que já tinha sido informado, mas dá conta de uma violência ainda mais covarde

e incrustada no Estado. É uma constatação: essa violência está institucionalizada.

No final do livro, o testemunho de Katia ganha também um significado controverso. Apesar de já ter trabalhado com as narrativas de testemunho – vide *El Tigre y la Nieve* –, Butazzoni, ao saber da possível existência da agente soviética, passa a entendê-la como um “testemunho legitimador”, uma necessidade para o livro. É uma contradição em termos, pois o livro está calcado na força do testemunho de uma vítima que conseguiu vencer a ditadura, Aurora. Esse testemunho já havia sido cotejado com outro, de Docampo, deixado por escrito nos cadernos, mesmo com suas limitações. E agora poderia ser comparado a um terceiro. No sentido jornalístico, aparece aqui a busca da verdade por diversas fontes, mais do que por testemunhos – uma verdade mais completa, pode-se dizer.

Quando toma o testemunho de Katia, o jornalista entende que este legitima o de Aurora: “nessas páginas que eu enchia com suas memórias, quem falava era a mulher que avalizava a versão da viúva [Aurora]” (Butazzoni, 2017, p. 720-721, tradução nossa).

Assinalamos que esta visão é controversa porque, como vimos na revisão bibliográfica, o testemunho tem uma subjetividade – daquele que sentiu, que sofreu – que importa muito mais do que a precisão das informações. Variações e incongruências fazem parte do testemunho traumático, pela carga emocional que ele aciona, e não o invalidam nem impedem a construção da memória. Nesse caso, porém, o incômodo da dúvida levou a uma consequência positiva. Sem ele, Butazzoni não teria conseguido o testemunho de Katia, que resulta bem mais

valioso do que uma confirmação. Era o testemunho de uma sobrevivente, mais uma engrenagem fundamental para a construção da memória de tempos tão complexos.

Por fim, em *Las Cenizas del Cóndor*, o testemunho de Butazzoni, que é narrador em primeira pessoa de um dos tempos narrativos, dedica-se fundamentalmente aos processos de apuração e de escrita do livro, embora também dê conta de um período, já na democracia, em que o medo e as perseguições persistiam. Contudo, Butazzoni também viveu intensamente a época das ditaduras: foi tupamaro, detido e exilado, vivenciou o governo Allende e o golpe no Chile, morou em Cuba, foi guerrilheiro na Revolução Sandinista da Nicarágua e novamente se exilou na Suécia até que fosse possível voltar ao Uruguai, após o fim da ditadura, em 1985. Assim, é notável que, no livro, não recorra ao próprio testemunho para narrar o contexto daquela época. Isso é feito sempre a partir de pesquisa em fontes documentais, bibliográficas e entrevistas.

Vale lembrar que Butazzoni se notabiliza inicialmente como escritor pela literatura testemunhal. *El Tigre y la Nieve*, publicado em 1986 no Uruguai, torna-se rapidamente um sucesso editorial<sup>10</sup>. Conta uma história real que guarda certa semelhança com a de Aurora: uma uruguaia, prisioneira da ditadura de Jorge Videla, envolve-se com o militar responsável pela prisão. É “testemunho de uma guerra que marcou uma geração” e um “clássico da

---

<sup>10</sup> No mesmo ano, curiosamente, Butazzoni publica no Uruguai o livro sobre sua experiência na guerrilha da Nicarágua, que, entretanto, ele não classifica como testemunhal, pois contempla também reportagens e artigos feitos para a imprensa (Butazzoni, 1986).

narrativa testemunhal contemporânea”, segundo a contracapa de uma reedição, que acrescenta: “seu relato sobre o funcionamento do campo de extermínio ‘La Perla’, em Córdoba, foi incorporado como peça documental em diversos juízos levados adiante na República Argentina” (Butazzoni, 2006, tradução nossa).

Foi inicialmente a partir de *El Tigre y la Nieve* que questionei Butazzoni, na entrevista, sobre o testemunho. Talvez por isso sua reflexão se direcione mais a este livro do que especificamente a *Las Cenizas del Cóndor*.

Há uma frase de Primo Levi, o escritor judeu italiano que esteve preso, esteve nos campos de concentração, e sobreviveu, que diz que **a única testemunha válida é a que não pode testemunhar**. Eu creio que é preciso partir dessa base, quer dizer, que eu posso dar testemunho, mas a validade desse testemunho vai ser sempre muito relativa. **O único valor que eu posso aportar a esse testemunho é o da linguagem, o da literatura. Converter esse testemunho em uma peça que seja compreensível, que seja importante, que não esconda elementos, que não faça trapaças**. Nesse sentido creio que o testemunho é valioso, sempre que se saiba e se deixe claro que o que se está fazendo é testemunho, é estar dando testemunho de algo. Porque senão, se você disfarça, como romance puro, digamos, uma ficção, na realidade está fazendo uma espécie de trapaça, porque está passando gato por lebre. Então eu creio que **o testemunho é muito útil, é muito importante, na literatura, na medida em que se use honestamente**, basicamente (Entrevista com Butazzoni, 2022, tradução nossa, grifo nosso).

Em *El Tigre y la Nieve*, Butazzoni reconstrói o testemunho de Julia Flores (nome fictício, como o de Aurora) depois de sua morte, a partir de documentos e entrevistas deixadas por ela e de entrevistas com seu último companheiro, já no exílio na Suécia. Talvez por isso a ênfase de Butazzoni na frase de Levi, que na verdade é um dilema ético e filosófico sobre o testemunho: como falar da dor daqueles que morreram, das maiores vítimas do genocídio, em seu lugar? Mas é aí que entendemos que o testemunho, por meio da narrativa — seja histórica, jornalística ou literária — se transforma em presença — “é um colocar em presença”, como disse Jean Philippe Pierron, que assim constrói a memória como “presença viva do passado no presente”, como disse Gonzalo Sánchez.

## CONSTRUIR A MEMÓRIA, TRABALHO PERMANENTE

---

Livros de jornalistas têm sido fundamentais na elucidação dos meandros da Operação Condor e continuarão sendo, à medida que mais documentos secretos vão sendo desclassificados e novas conexões vão sendo investigadas. Há, ainda, muitos crimes sem resposta infligidos pelas ditaduras na América do Sul, desaparecimentos que não foram devidamente esclarecidos e suspeitas de que mais mortes — algumas das quais mudaram o curso da História — tenham sido, na verdade, atentados realizados com os métodos de terrorismo de Estado da Condor. Os aportes de *Las Cenizas del Cóndor* ao conjunto desses conhecimentos são extremamente significativos e ajudam

a erguer uma base ainda mais sólida sobre a qual novos trabalhos jornalísticos de peso deverão se apoiar.

Tudo isso enriquece o que entendemos por jornalismo literário<sup>11</sup>, confirmando-o como um jornalismo aprofundado por excelência, criativo por vocação, autoral por força narrativa e, ainda, questionador dos rótulos que se lhe aplicam. Reafirma-o, melhor dizendo, como um jornalismo de fronteira, tão heterogêneo quanto sedutor. E assim nos permite, finalmente, imaginá-lo como conceito mais aberto, ainda a ser explorado por uma diversidade de práticas e estudos.

Ao nos questionarmos, então, como o jornalismo literário elabora a memória a partir do testemunho, percebemos agora que o verbo *construir* cabe melhor do que *elaborar*. Enquanto *elaborar* passa uma ideia mais sutil de organização harmoniosa da memória em uma narrativa, *construir* não nega o comprometimento de corpo e alma do jornalista diante do testemunho. Não se trata apenas de ouvir uma história e usar algumas técnicas para transformá-la em narrativa. Em casos como esses, o jornalista também precisa se expor em sua subjetividade, empatia e responsabilidade histórica. Percorre um longo caminho de dúvidas e

---

<sup>11</sup> Há nuances na compreensão do jornalismo literário, que certamente devem ser cotejadas de modo mais aprofundado. Aqui, sugerimos pensar seu contexto histórico, suas características narrativas e de método pelas contribuições de Martinez (2016) e Lima (2008), amplamente reconhecidas em nosso país. Somadas ao percurso de ambos, para um contexto completo, são muito pertinentes as elaborações de autores de outros países da América Latina, cujo esforço qualifica a compreensão sobre o desenvolvimento do jornalismo literário e narrativo em nosso continente, nomeadamente Hoyos (2003) e Herrsher (2013).

descobertas para apurar o que necessita para legitimar e construir narrativamente os testemunhos que são pilares de sua obra. Ao fazê-lo, alcança, em livro, o mais perene resultado a que o jornalismo pode almejar: construir a memória, comunicar à sociedade e registrar para a História o passado traumático que não queremos que se repita. Sabe-se, porém, que o compromisso do jornalista não acaba aí. A memória exige trabalho constante e zelo permanente<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> O trabalho completo (Boff, 2025), do qual o presente texto é um recorte revisado, incluindo a íntegra da entrevista com Butazzoni, pode ser acessado em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/35660>.

## Minibiografias

---

### [FELIPE BOFF]

Jornalista, doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professor de Jornalismo. Pesquisador associado ao *milpa - laboratório de jornalismo* (CNPq/UFSM). E-mail: flpboff@gmail.com

### [REGES SCHWAAB]

Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Coordena o *milpa - laboratório de jornalismo* (CNPq/UFSM). E-mail: reges.schwaab@ufsm.br

## Referências

---

BOFF, Felipe. **A Operação Condor em livros de jornalistas**. 2025. 317 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/35660>. Acesso em: 15 jul. 2025.

BOFF, Felipe. **Diário de viagem**: anotações pessoais. Porto Alegre: Montevidéu, 2022.

BRUCK, Mozahir. Apresentação. In: BRUCK, Mozahir; MORAIS, José Maria de; OLIVEIRA, Maz Emiliano. **Testemunhas e testemunhos do contemporâneo**. Belo Horizonte: EdPUC-MG, 2019.

BRUCK, Mozahir; VARGAS, Herom. Narrativas da memória como dispositivo: a Sirene e a luta contra o esquecimento. **Matrizes**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 289-306, 2020. Disponível em: <https://revistas.usp.br/matrizes/article/view/166893>. Acesso em: 15 jul. 2025.

BUTAZZONI, Fernando. **Las Cenizas del Cóndor**. 7. ed. Montevideo: Planeta, 2017.

BUTAZZONI, Fernando. **El tigre y la nieve**. 11. ed. Montevideo: Ediciones Santillana, 2006.

BUTAZZONI, Fernando. **Nicaragua**: noticias de la guerra. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1986.

BUTAZONNI, Fernando. **Sobre Las Cenizas del Cóndor**. Entrevista concedida a Felipe Boff. Montevidéu, 26 de julho de 2022.

CASADEI, Elizabeth Bacheга. As diferentes configurações da função testemunhal na história do jornalismo: um estudo comparativo entre a Revista da Semana e O Cruzeiro. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Santa Catarina, v. 9, n. 2, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2012v9n2p536/23364>. Acesso em: 15 jul. 2025.

CUNHA, Luiz Claudio. **Operação Condor**: o sequestro dos uruguaiois: uma reportagem dos tempos da ditadura. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2009.

CUNHA, Maria Jandyra Cavalcanti. Um só fato, três enquadramentos: a narrativa jornalística da História. In: CONGRESO DE ALAIC, 10., 2010, Bogotá. **Anais** [...] Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2010.

DE MARCO, Valeria. A literatura de testemunho e a violência de Estado. **Lua Nova**, São Paulo, n. 62, p. 45-68, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/QDGzySCvq7RH8YwGGvJzqzr/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 jul. 2025.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

DINGES, John. **Os anos do Condor**: uma década de terrorismo internacional no Cone Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HISSA, Cássio. **Entrenotas**: compreensões de pesquisa. Belo Horizonte: EdUFMG, 2012.

HERRSCHER, Roberto. **Periodismo narrativo**: cómo contar la realidad con las armas de la literatura. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2013.

HOYOS, Juan José. **Escribiendo historias**: el arte y el oficio de narrar en el periodismo. Medellín: Editorial Universidad de Antioquia, 2003.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed. São Paulo: Monole, 2008.

LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto de. (org.) **Narrativas e poéticas midiáticas**: estudos e perspectivas. São Paulo: Intermeios, 2013.

MARIANO, Nilson. **As Garras do Condor**: como as ditaduras militares da Argentina, do Chile, do Uruguai, do Brasil, da Bolívia e do Paraguai se associaram para eliminar adversários políticos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo literário**: tradição e inovação. Florianópolis: Insular, 2016.

NIETO, Patricia. **Relatos autobiográficos del conflicto armado en Colombia**: el caso reciente de la ciudad de Medellín. 2013. Tese (Doutorado en Comunicación) – Universidad Nacional de La Plata, Medellín, 2013.

NIETO, Patricia; HERNÁNDEZ, Yhobán Camilo. El periodismo y sus trabajos por la memoria. In: NIETO, Patricia. (ed.). **Memorias**: conceptos, relatos y experiencias compartidas. Medellín: Fondo Editorial Facultad de Comunicaciones de la Universidad de Antioquia, 2020.

OLIVEIRA, Rejane Pivetta de; CAIMI, Cláudia Luiza. Os desaparecidos do Araguaia: memória e catarse conciliatória em Palavras Cruzadas, de Guiomar de Grammont. **Miscelânea**, Assis, v. 28, p. 147-67, 2020. DOI: 10.5016/msc.v28i0.1665. Disponível em:

<https://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/1665>. Acesso em: 15 jul. 2025.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: EdUnicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**: o tempo narrado. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. v. 3.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Revista Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, p. 65-82, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/5SBM8yKJG5TxK56Zv7FgDXS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 jul. 2025.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes. **Proj. História**, São Paulo, v. 30, p. 71-98, 2005. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2255>. Acesso em: 15 jul. 2025.

STREJILEVICH, Nora. **El arte de no olvidar**: literatura testimonial en Chile, Argentina y Uruguay entre los 80 y los 90. Buenos Aires: Catálogos, 2006.